
Comunicação Comunitária: Um relato de experiências vividas no Abrigo

Agrícola Pe. João Piamarta¹

Anézia LIMA²

Beatriz MELO³

Benedita MONTE⁴

Brunna SILVA⁵

Edenilson MENDES⁶

Jomar MAGALHÃES⁷

José VASCONCELOS⁸

Leandro BEZERRA⁹

Luan COUTINHO¹⁰

Monalice NOGUEIRA¹¹

Paolla GUALBERTO¹²

Thiago NUNES¹³

Patrícia Teixeira Azevedo WANDERLEY¹⁴
Universidade Federal do Amapá, Macapá, AP

RESUMO

Este artigo tem cunho expositivo. Este, relata a trajetória de alunos da disciplina laboratorial de Comunicação Comunitária do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá. Os processos metodológicos desta disciplina pautaram-se na prática em campo, que proporcionaram oficinas em comunicação, para crianças que residem no abrigo Agrícola Pe. João Piamarta. A partir do aprendizado sobre fotografia e produção textual, objetivou-se interagir e compartilhar conhecimentos das produções jornalísticas abordando como temática norteadora, os processos de comunicação comunitária e as vivências pessoais dos participantes.

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: anezialima55@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: abe.atrizmcastro@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: beneditamontec@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: brunna.ap@gmail.com

⁶ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: edenilson.mcp@gmail.com

⁷ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: jomarjunior54@gmail.com

⁸ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: je.lima99@gmail.com

⁹ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: dotfob@gmail.com

¹⁰ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: coutinho.luan@outlook.com

¹¹ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: alicenogueira488@gmail.com

¹² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: pamelapaolla12@gmail.com

¹³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: thiagofelipeeng96@gmail.com

¹⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: patryciateixeira@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Comunitária; Jornalismo; Fotografia; Voluntariado.

INTRODUÇÃO

O objetivo central deste artigo é relatar a experiência de doze alunos do Curso de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), na disciplina de Laboratório em Comunicação Comunitária, ministrada pela Prof. Patrícia Teixeira. Como atividade avaliativa para a disciplina em questão, coube aos alunos o trabalho prático em Comunicação Comunitária.

A atividade de campo teve como intuito proporcionar aos estudantes a práxis sobre comunicação comunitária a partir da vivência em comunidade, objetivando difundir os conhecimentos adquiridos na academia para pessoas que antes não possuíam nenhum contato com comunicação. Inicialmente, a instituição escolhida em conjunto pelos alunos e orientadora foi a escola estadual Azevedo Costa e a temática sugerida para o trabalho ficaria voltada para o resgate de memória do bairro onde a escola se localiza, o Laguinho, bairro tradicional em Macapá. Entretanto, devido ao movimento grevista dos professores do Estado, no momento das oficinas, a realização das atividades planejadas foi interrompida.

Diante do problema, identificamos a oportunidade de realizar o trabalho na instituição Escola Agrícola Pe. João Piamarta, abrigo que recebe crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, que dispõe de espaços coletivos como escola, casas, piscina, hortas, área de lazer e de leitura, entre outros espaços. Como a instituição não possui uma estrutura de comunicação comunitária - como a maioria das instituições comunitárias - elaboramos um projeto adaptado às necessidades das crianças e adolescentes, visando propiciar conhecimento mínimo sobre a linguagem jornalística para que, no futuro, ações de comunicação sejam possíveis.

A partir disso foi discutido entre os alunos o que seria mais interessante apresentar para crianças e adolescentes que ainda não possuem conhecimento jornalístico na prática. Chegando a uma conclusão, foram escolhidas as oficinas sobre os assuntos voltados para a produção textual, fotografia e a exposição das fotografias. Como o jornalismo possui como principal característica o papel de contar histórias, a finalidade das oficinas foi apresentar métodos que oferecem a oportunidade de os jovens contarem suas próprias

histórias e vivências a partir de suas perspectivas, neste sentido, alteramos também a temática, que passou a ser vivências.

A partir da definição dos objetivos e temas, foi proposto por em prática a realização das oficinas estabelecidas em um planejamento estratégico produzido pelo grupo. No mesmo, continha informações como datas, conteúdos, objetivos e atividades que deveriam ser realizadas para que os alunos pudessem ter um direcionamento para quando fossem a campo.

Cada oficina tinha um objetivo a ser alcançado. A primeira oficina, de produção textual literária, focava-se em oferecer base para que fosse possível escrever e descrever os sentimentos, pensamentos, a paisagem e tudo aquilo que pudesse representar o que estaria acontecendo naquele momento e lugar.

A segunda oficina sobre fotografia tinha como proposta ensinar às crianças do abrigo como manusear a câmera, já que ter um celular não é a realidade de quase todos ali, e ainda dar a eles a liberdade para fotografar o que lhe mais fosse conveniente, poderia ser algo que gostassem, algo que achassem bonito ou que pudesse contar algo sobre a sua personalidade. Dessa forma, as oficinas de texto e fotografia se complementam, pois tendo a foto, era possível escrever uma legenda em que representasse o olhar sobre o que levou o participante tirar a foto.

Por fim, foi realizada a exposição das fotografias selecionadas pelas próprias crianças. Cada participante escolheu 3 fotos que foram impressas e, expostas na área de lazer do abrigo, para que todos pudessem ver as fotografias produzidas durante a oficina. E, como forma de eternizar aqueles momentos vividos no abrigo, as fotos foram entregues para os seus respectivos autores.

Este trabalho possui extrema relevância social. A partir deste, a compreensão acerca dos estudos em Comunicação Comunitária tornou-se concreta para os alunos da disciplina. Para além disso, os alunos puderam entender na prática como o jornalismo é um serviço social e dentro deste relato de experiência, explicaremos como executamos a função do Jornalismo Comunitário para a sociedade.

METODOLOGIA

O presente artigo se utilizou de uma pesquisa exploratória para verificar a relevância da pesquisa. Como afirma Martino (2018), fizemos uma “pré-pesquisa” para

mapear o terreno que gostaríamos de explorar e ver se seria viável. Neste processo o grupo fez o que para Martino (2018) é paradoxal, foi até a Escola Agrícola Padre João Piamarta e participou de forma efetiva das atividades com as crianças para criar-se familiaridade com o campo de estudo, ou seja, fez a pesquisa. Os métodos empregados na pesquisa foram: observação, análise documental e histórias de vida e vivências como métodos bibliográficos, a partir de levantamentos em fontes primárias e secundárias segundo Martino (2018).

A primeira etapa da pesquisa foi baseada na observação, conhecemos o local onde os jovens vivem, falamos com os responsáveis pelo espaço, que nos descreveram como funciona a rotina da escola agrícola. Para Marconi e Lakatos (2003), a observação é extremamente importante, pois pode comprovar uma teoria ou um discurso na prática. O pesquisador precisa estar atento às situações ao seu redor, procurando compreender as condições objetivas e subjetivas que compõem o campo de estudo. Formando o que para Martino (2018) “é o acompanhamento sistemático da interação entre pessoas”.

A segunda etapa da pesquisa foi o contato direto com as crianças através de oficinas interativas, uma delas de fotografia, o que possibilitou uma abordagem prática com os jovens. Após uma breve aula teórica de como utilizar a máquina fotográfica, eles foram a campo sob orientação dos monitores para registrar momentos que achassem legal do ambiente onde eles vivem, e que contassem um pouco do seu dia a dia. E são nessas práticas que as crianças expressaram seu modo de conhecimento de mundo, que para Martino (2018) é a sua interpretação da realidade e de si mesmo, relatadas e coletadas a partir do método de história de vida. Método biográfico que para o autor possui tradição nas ciências sociais, e que é muito utilizado nos estudos comunicacionais.

Nos dias escolhidos pelo grupo foram ministradas as oficinas de Jornalismo Literário e Fotografia básica, nas quais procurou-se utilizar uma linguagem mais próxima da realidade das crianças, tendo como principal objetivo oferece-las técnicas e um referencial teórico básico sobre fotografia e texto literário, associados à prática de vivência das imagens, discutidas com quem as fotografou, posteriormente sendo transformada em texto, através das legendas. E todo o processo foi desenvolvido através da integração dos conhecimentos que os acadêmicos adquiriram nas salas de aula e a participação das crianças.

Oficinas

Oficina 1: Fotografia básica; foi apresentado aos alunos conceitos simples sobre a parte técnica da fotografia com câmeras profissionais e semiprofissionais. A metodologia empregada foi em parte teórica, utilizando Trigo (2010) como principal autor. Para a etapa prática, o manuseio de equipamentos eletrônicos fotográficos (câmeras, tripé e rebatedor).

Oficina 2: Jornalismo literário; durante essa oficina foram apresentados de forma didática e com a preocupação de uma linguagem acessível aos alunos alguns dos precursores desse movimento (Gay Talese, Truman Capote e Tom Wolf). O que classificava um texto jornalístico como literário? Foi a pergunta base, para explicar o conceito e a prática deste gênero jornalístico. Com o objetivo de provocar sensibilidade tanto para o leitor quanto para quem via as fotografias, pois dessa forma as crianças poderiam dar um significado particular para as imagens feitas na oficina anterior. Durante a prática, as crianças escreveram pequenos textos com o seu significado para cada fotografia, por eles produzida.

Foi necessário a apresentação do planejamento prévio da atividade em campo para a orientadora deste estudo e para a equipe de gestão da escola/abrigo agrícola. As oficinas foram realizadas com o grupo de crianças do Abrigo Pe. João Piamarta, para que assim, a comunicação comunitária fosse planejada e executada para alcançar o público de seu interesse: o coletivo, sem protagonismo social.

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA: DIREITO DE EXERCER A CIDADANIA

A comunicação comunitária se firma com o intuito de tirar o monopólio das informações e dos veículos de comunicação de entidades estritamente políticas e comerciais e levá-las às demais comunidades e vozes que geralmente são inalcançáveis.

É importante visar essa comunicação, como manutenção da democracia e o direito de todos os cidadãos participarem de pautas que discutam o interesse público no nosso país. Para isso a comunicação comunitária é vista como uma forma de garantir esses direitos, sendo uma possibilidade de quebrar como premissas universalmente pré-estabelecidas, ao que Paiva explica que:

A proposta de comunicação comunitária passa necessariamente pela revisão do conceito de comunidade, bem como pela análise da possibilidade de inserção

nessa estrutura na atualidade. Cidadania e solidariedade transformam-se em paradigmas que permitem imaginar uma ordem com objetivos diferentes da premissa econômica universalizante, esta mesma proposta comunitária surge como nova possibilidade de sociabilização, com o propósito de fazer frente ao modelo econômico em que o número dos excluídos parece cada vez mais ampliado (PAIVA, 1998, p.20).

Sendo assim, essa comunicação tem o papel de fazer com que as informações cheguem em grupos sociais marginalizados e excluídos, sendo capaz de transformar a realidade que é estabelecida atualmente. Vale lembrar que o objetivo desta comunicação é servir as comunidades para permitir que façam parte de um todo. Desta forma, é essencial que a comunicação seja adaptada para esses grupos, visando-a como ferramenta primordial para cidadania, posto que sem a comunicação a mesma não existe.

A cidadania está diretamente ligada à comunidade, palavra que abarca vários estudos e significados que muitos dizem sobre nossas crenças, vivências e que formam a identidade dos seres humanos que constroem suas narrativas. Para o sociólogo Tönnies (1979), a comunidade é feita das relações que advém do lugar e do espírito das pessoas presentes, seja na família, na vizinhança ou no trabalho onde a compreensão de viver junto é primordial.

E é com o intuito, de abranger todas as comunidades, principalmente àquelas onde a informação não estão presentes, que desponta a importância da comunicação comunitária, para valorizar ainda mais esse laço que é criado dentro dos grupos de convivência e que necessitam de vez e de voz. Além disso, a comunicação comunitária muito tem a ver com a participação, como mecanismo dos grupos estabelecerem laços através das experiências comunicacionais que vivenciam, haja vista que esse processo possibilita a manifestação da população a respeito de seus direitos básicos, que são requisitos para a cidadania, como a liberdade à opinião, expressão e informação.

A comunicação comunitária se baseia na troca de experiências e vivências que qualquer comunidade possui. À exemplo, temos indivíduos representantes das vozes de uma rádio comunitária, que se comunicam entre si com propriedade, fazendo da comunicação mais efetiva no entendimento da mensagem. O receptor da mensagem se identifica com o conteúdo por conta da identidade empregada pelo produtor de conteúdo e pelo locutor da rádio. Por isso, as rádios comunitárias são de extrema importância, pois cumprem um papel democrático e social.

[...] a comunicação é mais que meios e mensagens, pois se realiza como parte de uma dinâmica de organização e mobilização social; está imbuído de uma proposta de transformação social e, ao mesmo tempo, de construção de uma sociedade mais justa; abre a possibilidade para a participação ativa do cidadão comum como protagonista do processo (PERUZZO, 2004, p. 20).

As rádios comunitárias acima de tudo, colocam o cidadão no centro das discussões, ao relatarem as vivências diárias de um determinado tipo de grupo, independentemente de sua posição social, credo ou ideologia. Um dos grandes exemplos de sucesso é a Rádio Favela, uma iniciativa própria de moradores da vila Nossa Senhora de Fátima em Belo Horizonte. A rádio Favela se popularizou rapidamente entre os moradores da vila, pelas características de linguagem e informações que interessavam aquela comunidade, fazendo parte do interesse em comum daquela localidade.

A difusão de informações para todos os tipos de comunidade, faz parte dos direitos sociais de todo o cidadão, que visa promover a pluralidade informacional, que não está presente nos conglomerados midiáticos. Como conceitua Tiene (2005), “quanto mais comunicação, mais cidadania e quanto maior e mais qualificada a cidadania for em uma sociedade, mais comunicacional ela será” (TIENE, 2005, p.70). E é por esse motivo que existe a comunicação, para ser lida em jornais impressos, para ser ouvida nas rádios (principalmente as comunitárias), para ser vista na tevê e acessada na internet, afinal todos esses veículos são primordiais para ter uma comunidade desenvolvida.

Logo, a comunicação comunitária faz parte do impulsionamento da democratização da informação que tem que ser cidadã, como diz Peruzzo (2009), ela que facilita todas as lutas que os jornalistas e os consumidores têm pelas conquistas basilares dos direitos; como o próprio direito da comunidade ser agente ativo na disseminação de sua própria informação.

VIVÊNCIAS: O NOSSO LUGAR COMUM

Os encontros na escola ocorreram em uma sala de aula com cinco crianças. Jovens que ainda no início da vida, já enfrentam grandes desafios. Meninos cabisbaixos, de andar vagaroso, tímidos. Assim as crianças se apresentaram nos primeiros contatos com o grupo de estudantes de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá.

É impossível não associar os sentimentos demonstrados por esse pequeno grupo as suas vivências e cargas emocionais. Os jovens convivem na maioria do tempo entre si, suas casas estão a uma distância muito pequena uma da outra e o seu passatempo são as

brincadeiras e os estudos. Além de se tornarem amigos que possuem convivência como irmãos, os cinco meninos que fizeram do abrigo seu lar, possuem ainda as mães sociais¹⁵. Essa vivência com o outro é muito importante para suas experiências como aponta Mahfoud:

A vivência de estar junto é essencial para nosso ser, insubstituível por outra qualquer vivência. Nenhum de nós teria condições de elaborar a própria experiência ou de ter cuidado consigo mesmo, sem a experiência de estar ou de ter estado com um outro no sentido absolutamente simples. É algo fundante para a nossa pessoa, que possibilita a apreensão do próprio mundo e a nossa realização (MAHFOUD, 2007, p.118).

A vivência em comunidade nada mais é que a partilha de sentimentos e histórias e cada garoto contribui na realidade do abrigo da sua forma. A vida do ser é uma estrada percorrida com muitos percalços e o grupo de acadêmicos pôde perceber de perto essas dificuldades enfrentadas pelos garotos moradores do abrigo agrícola Pe. João Piamarta, ainda que os encontros fossem poucos, todos os estudantes de jornalismo entenderam a importância de estar presente em realidades diferentes, e mais do que isso, a importância da comunicação democrática para estas comunidades. Entendemos a necessidade de fazer um jornalismo além dos muros da universidade e estar presente nas vivências de personagens importantes, como os adolescentes.

O grupo ministrando as oficinas e práticas de fotografia experienciou a chamada vivência empática, termo que, de acordo com Carneiro (2011, p. 275) fala da aproximação e reconhecimento de um sentimento do outro de forma espontânea, uma espécie de sentir o próximo. Esses encontros ao lado das crianças do abrigo, possibilitou ao grupo o reconhecimento de alguns sentimentos presentes na realidade daquele lugar, um ambiente com casas, área de lazer, igreja, muitas flores e árvores.

Há brilho no olhar dos meninos, mas também há a percepção interior da amargura de uma vida difícil. Segundo Carneiro (2011, p. 279) “embora essa tristeza seja partilhada, ela é vivida de forma singular. Cada tristeza em uma profundidade e tempo diferentes”. Desta forma, cada oficina tinha por intuito materializar os sentimentos particulares de cada um dos meninos, na fotografia e na palavra.

¹⁵ A lei [7.644/87](#) dispõe sobre a Regulamentação da Atividade de Mãe Social. Art. 2º - Considera-se mãe social, para efeito desta Lei, aquela que, dedicando-se à assistência ao menor abandonado, exerça o encargo em nível social, dentro do sistema de casas-lares. Disponível em: <https://jeanrox.jusbrasil.com.br/artigos/178786679/o-que-faz-a-mae-social-qual-sua-importancia-para-a-sociedade>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

NARRATIVAS: O OLHAR E A PALAVRA

A parte prática da oficina de fotografia ocorreu às 10h da manhã, após as aulas teóricas, o primeiro contato dos adolescentes com a câmera foi acanhado, mas os gestos tímidos logo se transformaram em curiosidades sobre o foco, zoom, ISO e outras configurações da câmera fotográfica, que para eles era uma máquina muito interessante.

Cada garoto ficou com um instrutor, e foi inevitável não desenvolver laços com o avançar das oficinas. Fazendo pose para a foto ou oferecendo pequenas dicas de fotografias, a relação entre o grupo de estudantes e os jovens do abrigo ia tornando-se próxima e participativa.

Em poucas horas, era possível ver meninos desbravando a mata local do abrigo, com as câmeras focadas, preparados para clicar e congelar o primeiro momento com uma câmera fotográfica. O olhar atento a qualquer gesto ou beleza presente no meio de tantas plantas mostrou ser delicado e criterioso, fotografias de um pequeno abacaxi ou das asas de uma minúscula borboleta mostraram o talento de jovens com o olhar aguçado.

As fotografias mostram a beleza de um olhar sensível ao cotidiano, as flores estão presentes em tudo na vida dos garotos, desde projetos desenvolvidos na escola sobre o plantio das mesmas até o perfume que exalam perto das suas casas. Nesse olhar é possível perceber quais imagens caracterizam suas vivências. Segundo Tramuja e Antenow (2016):

A apreciação das imagens auxilia os alunos a compreender os contextos em que foram produzidas, pois expressam valores, escolhas e referências, e ao serem materializadas têm a possibilidade de serem apropriadas em diferentes contextos e momentos históricos numa perspectiva de longa direção (TRAMUJAS; ANTENOW, 2016, s.p).¹⁶

A parceria entre os meninos também é vista em pequenos detalhes, como em alguns momentos, quando apontavam a câmera um para o outro para capturar esse raro momento, vivido pelos cinco jovens. Ao final da oficina, já era possível ouvi-los orgulhosos, com sorrisos no rosto, mostrando para todos os presentes o resultado de seus exercícios fotográficos. O que dificultou o processo de escolha das fotos para a exposição, pois era possível a escolha de apenas três fotos, e os próprios meninos tiveram a dura missão de selecionar as próprias fotos, em meio a risos e aplausos as fotografias foram

¹⁶ Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_arte_unespar-curitiba_denizesimoantenow.pdf Acesso em: 26 de jun. de 2019.

escolhidas, deixando outras muito boas para trás, em prol de uma seleção que precisava ser feita.

Após a atividade fotográfica, foi feita uma pausa para o almoço. Posteriormente, ao fim da refeição das crianças e dos ministrantes da oficina, os rapazes voltaram para a mesma sala da oficina anterior, onde a segunda parte da atividade aconteceria, o jornalismo literário seria apresentando aos meninos. Os textos construídos iriam complementar as fotos escolhidas na primeira oficina. Assim como no começo da aula de fotojornalismo, os meninos ficaram um pouco retraídos, o que de pronto denotou certa dificuldade com a escrita e a manifestação textual de pensamentos, sentimentos ou reflexões. A oficina foi dividida em dois momentos: aula teórica, onde termos usuais ao jornalismo literário foram colocados, com apoio dos conhecimentos adquiridos na academia pela ministrante – Anézia Lima, e o exercício de conclusão, que tinha por escopo proporcionar o desenvolvimento da escrita descritiva e minuciosa.

Com idades e níveis de escolaridade distintos, cada menino reagiu de forma singular a segunda oficina do trabalho de Comunicação Comunitária. Dois dos cinco garotos não conseguiram executar a aula prática, onde a teoria repassada sobre a escrita literária seria colocada à prova e os jovens teriam que descrever suas fotos e a sua relação com o espaço físico e subjetivo do Abrigo Agrícola Pe. João Piamarta. Quanto aos demais, conseguiram avançar gradativamente na atividade proposta, com a ajuda dos instrutores ali presentes, descrevendo suas emoções, o contexto fotográfico e principalmente, defendendo a natureza e sua preservação. A partir da segunda oficina, ficou evidente que o meio ambiente onde os cinco garotos convivem é parte crucial do processo de humanização de todos e desta maneira são estabelecidas relações honestas entre os rapazes, a natureza e o outro.

Dentre as inúmeras possibilidades de conhecimento dentro da Comunicação Social, a fotografia e a palavra escrita em formato de texto literário foram escolhas determinantes para o desenvolvimento emocional, comunitário e de sociabilidade daquele grupo de meninos, com histórias e sonhos diferentes, mas que dividem o mesmo espaço e enfrentam adversidades semelhantes. Assim, a apropriação do contexto em se vive, colocada por Tramuja e Antenow (2016) é posta e a possibilidade de instruir sujeitos que constroem suas narrativas se expande.

O que ficou claro, é que as crianças aprenderam, e reproduziram todo o conteúdo ministrado, além de se doarem para a produção de todos os processos, concluindo com êxito todas as tarefas, e garantindo o sucesso do objetivo estipulado pelos acadêmicos, de repassar os conhecimentos comunicacionais e discutir as vivências dos mesmos, em produções desse processo através da comunicação e da educação.

EDUCOMUNICAÇÃO: UM NOVO PROCESSO

Discutir a comunicação comunitária neste projeto, foi pensado desde o início associando-o a educomunicação. Primeiro, porque a maioria das comunidades não conhecem os processos comunicacionais, e para isso, a formação é necessária. Segundo, por escolhermos uma instituição educacional como incubadora do projeto.

A educação juntamente com a comunicação formou a educomunicação, que traz para aqueles que não estão familiarizados, o conhecimento de educação para a mídia, uso das mídias na educação, produção de conteúdos educativos e a gestão democrática das mídias.

Tendo como objetivo a construção da cidadania e a democratização da informação para contribuir na criação de um senso crítico. No artigo referido como projeto educom. Geração cidadã: A educomunicação em ação (2006) de Carmen Lúcia M. Elias Gattás e Maria Salete Prado Soares esclarece que:

A prática educacional vê na educação e na comunicação um espaço de discussão e cidadania, que assume posição estratégica de resistência frente aos 'mecanismos perversos da globalização' e que é fator importante para promover o acesso dos excluídos e fomentar o reconhecimento do cidadão. Não bastam a apreensão de conhecimentos e saberes específicos voltados para vida profissional, é preciso que cada ser humano possa exercitar seus direitos civis, políticos e sociais, ou seja, direitos de cidadania (GATTÁS; SOARES, 2006, p.5).

A educomunicação tem como um dos seus princípios a integração nas mídias daqueles que são excluídos ou que não possuem uma participação ativa nas informações. Dessa forma, a educomunicação transforma esses indivíduos em agentes comunicativos ativos, tendo a oportunidade de conhecer e interagir, transformando o seu ambiente em um lugar mais democrático.

Atualmente, é possível afirmar que a comunicação e a educação são elementos essenciais para a construção e o desenvolvimento social de cada indivíduo, porém, nem todos possuem a oportunidade de conviver com as tecnologias presentes na atualidade.

Partindo disso, é necessário destacar que a educomunicação se fez presente em todo o processo de comunicação comunitária realizado com os jovens da escola agrícola Padre João Piamarta. A ideia desde o início foi educar através de equipamentos que produzissem conteúdo de mídia, além de inserir em suas vidas novidades que não são vistas nas escolas.

Inicialmente, foi necessário instruir os jovens sobre o manuseio do equipamento fotográfico (pois as crianças nunca tinham tocado em uma câmera). Em seguida, eles precisaram fazer fotos de algo que tinha marcado suas vidas do local. O intuito era promover a produção de conteúdo por parte deles, oportunizando a prática da autonomia de pensamento, para que criassem por conta própria, sem interferência no processo.

Lo que importa aquí, más que enseñar cosas y transmitir contenidos, es que el sujeto aprenda a aprender; que se haga capaz de razonar por sí mismo, de superar lãs constataciones meramente empíricas e inmediatas de los hechos que la rodean (consciência ingênua) y desarrollar su própria capacidad de deducir, de relacionar, de elaborar síntesis (consciência crítica) (KAPLÚN, 1998, p.51).

Diante disso, houve a possibilidade de fazer a união entre educação e comunicação. Todos saíram a campo para a prática da fotografia, e em pouco tempo cada participante já estava familiarizado com o equipamento, exercitando a oportunidade de mostrar o que pensavam e sentiam através de suas obras a sua forma de olhar.

A proposta dessa educação mais dinâmica, na qual os jovens produzem e revelam seu olhar genuíno sobre determinada situação é reflexo das novas formas de leituras que têm surgido diante do desenvolvimento tecnológico, os meios de comunicação sofreram (de forma positiva) um forte impacto das mudanças dessa nova realidade.

Os meios de comunicação são hoje um novo espaço do saber, ocupando parte do lugar que antes era destinado apenas à escola. Aparece também como lugar de publicização, a qual, no mais das vezes, é indispensável para obtenção de êxito em nossos objetivos. O que não deu na televisão, não aconteceu (BACCEGA, 2009, p.27).

A fotografia foi uma novidade na vida das crianças, que antes não puderam experimentar nada do tipo. Além das produções realizadas por eles, o contato com novos caminhos dentro da comunicação, foram apresentadas, mostrando que há várias áreas para que comunicólogos realizem seu trabalho de acordo com aquilo que mais se identifica.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ementa da disciplina propôs que os acadêmicos experienciassem a comunicação comunitária, indo a campo para melhor compreensão do estudo. Diante disto, a utilização teórica e prática da educomunicação para abordar a temática ‘vivências’ com a comunidade escolhida para o trabalho em campo foi fundamental.

A partir da educomunicação, como ferramenta, esta pesquisa exploratória conseguiu atingir um de seus objetivos: expandir o jornalismo e torná-lo acessível, ao menos no que tange as oficinas propostas de texto e fotografia, para os participantes das mesmas. Como garante o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros¹⁷, o jornalismo é uma atividade de natureza social, sendo assim, deve guardar o povo. Guardar e proteger implica também acessibilizar as ferramentas e munir quem, por vezes, não tem poder social.

As oficinas de Fotografia e de Escrita Literária foram frutíferas. Inicialmente, o intuito do grupo era contemplar outras áreas, como rádio/podcasts, plataformas digitais e outros formatos textuais, ampliando as possibilidades de comunicação para os jovens do abrigo/escola agrícola, inclusive, foi realizado todo planejamento para as demais oficinas, entretanto, precisamos adaptar nossas atividades a realidade vivenciada pelo abrigo e também à agenda de seus moradores, que nos impossibilitava a realização de mais visitas no período do laboratório.

Socialmente exilados, pela distância geográfica entre o meio ambiente da escola e o centro urbano e pelas diferenças sociais, os resultados do trabalho em campo para os jovens que residem no espaço que homenageia o Pe. João Piamarta, símbolo católico das lutas sociais, por acesso à educação aos jovens, foi dignificante. Exercitar a cidadania dos indivíduos promovendo a inclusão social e a comunicação comunitária pode ser um caminho.

Houve identificação imediata entre as crianças e a comunicação. Todos mostraram-se sensíveis a fotografia e fizeram das lentes verdadeiros reflexos da alma. Sobre o texto literário, a escrita depende também da completa alfabetização, o que não se tratava da realidade dos meninos que, por nem todos serem alfabetizados, possuem dificuldades em desenvolver textos.

¹⁷ Disponível em: <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>>. Acesso em: 25 de junho de 2019.

A maior dificuldade apresentada pela equipe de instrutores foi o desinteresse inicial das crianças para com o conteúdo a ser aprendido, tanto de fotografia quanto o texto. Obteve-se melhores resultados na etapa prática do trabalho, ao disponibilizar câmeras para eles e explicar seu funcionamento manuseando.

Os produtos obtidos foram acima da média de forma geral. Elementos mais aprimorados da fotografia, como o alinhamento da linha do horizonte às margens da foto não foram obtidos. Todavia, o foco manual foi bem entendido pelos alunos, algo que até mesmo alguns fotógrafos profissionais possuem dificuldade.

Outra habilidade que as crianças desenvolveram com a oficina foi o olhar fotográfico. Eles demonstraram uma melhor visão a respeito das paisagens em segundo plano, trabalhando melhor a coesão da foto com o primeiro plano e gerando resultados claramente superiores aos iniciais.

Essas habilidades precisam de uma relação mais frequente para que sejam aprimoradas. Infelizmente, não se sabe quando as crianças terão outra oportunidade de fazer o uso das máquinas fotográficas. De todo modo, o grupo pretende estudar tempo para realizar este trabalho de forma desligada da composição da nota da disciplina em futuras oportunidades.

Por fim, entendemos que, para que um projeto de comunicação comunitária seja efetivo de fato, é necessário que outras ferramentas e técnicas sejam disponibilizadas aos membros que vivenciam a realidade do abrigo Pe. João Piamarta, entretanto, acreditamos que este pode ser o primeiro passo, para despertar o interesse dos jovens em processos comunicacionais e que, com o auxílio de outros institutos sociais, como a própria UNIFAP e o colegiado de jornalismo em trabalhos futuros, esta comunidade possa ter a oportunidade de estruturar meios de comunicação interna que possam agregar valor ao seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, M. A. Comunicação/educação e a construção de uma nova variável histórica. In: Comunicação & Educação. São Paulo: CCA/ECA/USP/Paulinas, a. 14, n.3, set./dez. 2009, PP. 19-28.

CARNEIRO, Suzana Filizola Brasiliense. **Vivência comunitária em Edith Stein**. In: *Kairós* – Revista Acadêmica da Prainha, ano VIII/2 Jul/Dez, Faculdade Católica de Fortaleza, Fortaleza (CE), 2011. Disponível em: <http://www.catolicadefortaleza.edu.br/wp-content/uploads/2013/12/08-Suzana-Filizola-Viv%C3%A4ncia-comunit%C3%A1ria-em-Edith-Stein-ok-pags.-271-a-288.pdf> Acesso em: 26 de jun. de 2019.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>>. Acesso em: 25 de jun. de 2019.

GATTÁS, Carmen Lúcia M. Elias. SOARES, Maria Salete Prado. Projeto educom. Geração cidadã: **A educomunicação em ação**, 2006. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/147.pdf>>. Acesso em: 24 de jun. 2019.

KAPLÚN, Mario. **Una Pedagogía de La comunicación**. Madri: Ediciones de La Torre, 1998.

MAHFOUD, M. **Família e intersubjetividade**. São Paulo: Editora Paulinas, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS. Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de Pesquisa em Comunicação** : Projetos, ideias, práticas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas**. Revista Fronteiras – Estudos midiáticos, São Leopoldo, v. 11, n. 1, p. 33-43, 2009.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

TIENE, Izalene. **Comunicação, cidadania e controle social na gestão pública**. In: BEZZON, Lara Crivelano. Comunicação política e sociedade. São Paulo: Alínea Editora, 2005.

TÖNNIES, F. **Comunidad y asociación**. Barcelona: Península, 1979.

TRAMUJAS, Paula Rigo Cuéllar; ANTENOW, Denize Simões. **A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO DO OLHAR PARA OS ALUNOS DA 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO**. In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE- artigos, Curitiba (PR), 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_arte_unespar-curitiba_denizesimoesantenow.pdf Acesso em: 26 de jun. de 2019.

TRIGO, Thales. **Equipamento fotográfico: teoria e prática**- 4.ed. , São Paulo: Senac São Paulo, 2010.